

Expansão do mercado de capitais acelera emprego e renda, diz estudo

Por Ana Conceição, Sérgio Tauhata e Sílvia Rosa

Um mercado de capitais mais forte no Brasil poderia criar 1,7 milhão de empregos a mais e aumentar em 11,6% a renda per capita do país ao longo de cinco anos. As estimativas fazem parte de um estudo feito pela consultoria Accenture Strategy e representam uma pequena amostra do impacto real que a implementação de uma agenda para desenvolvimento do ambiente de financiamento privado de longo prazo poderia causar.

O levantamento feito pela consultoria para a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) e a B3 busca desvendar os efeitos palpáveis para a economia do fortalecimento e desenvolvimento do mercado de capitais. O estudo será apresentado hoje no Congresso Brasileiro do Mercado de Capitais 2018, em São Paulo.

Segundo o documento, possibilitar a empresas de vários tamanhos acessar fontes privadas para financiamento de longo prazo, além de aumentar a própria disponibilidade de recursos a um custo menor, ajudaria as companhias a viabilizar mais projetos e expandir a produção, o que impulsionaria criação de empregos e aumento da renda.

A pesquisa levou em conta a experiência internacional e os resultados alcançados a partir de medidas semelhantes às defendidas pela Anbima e B3. A existência de mercados de capitais desenvolvidos tem sido amplamente apontada como fator para o avanço socioeconômico dos países, pondera o estudo.

Cálculos feitos a partir dos dados de vários países mostram que a expansão dos mercados de ações e de títulos privados poderia levar a um aumento extra de 21%, ou R\$ 294 bilhões, nos investimentos em infraestrutura entre 2018 e 2022 no Brasil. Apenas em saneamento, eletricidade, transporte e telecomunicações haveria R\$ 89 bilhões adicionais. O estudo leva em conta um crescimento moderado da economia brasileira de 2% a 3% anuais, visto como mais provável pela Anbima nos próximos anos. Outro efeito seria o aumento extra de 12% no PIB per capita, para R\$ 38,8 mil em cinco anos. Sem nenhum impulso ao mercado de capitais, a Anbima prevê um PIB per capital de R\$ 34,6 mil em 2022, ou seja, R\$ 4 mil a menos.

INFORME

Impulso

Como o desenvolvimento do mercado de capitais pode contribuir para a economia

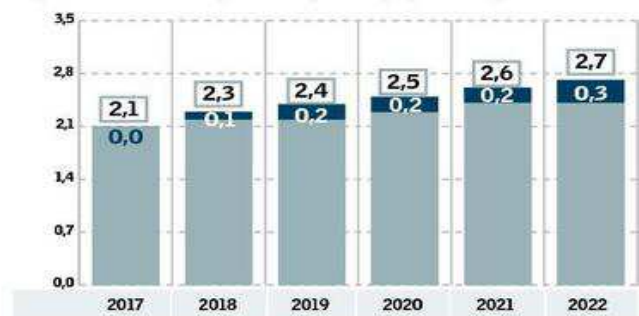
Indicadores socioeconômicos

■ Projeção de mercado ■ Incremento do mercado de capitais

Impacto no investimento (R\$ trilhão)



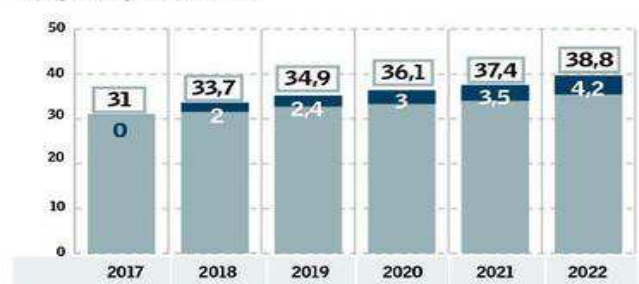
Impacto na arrecadação de Impostos (R\$ trilhões)



Impacto na geração de empregos (milhões)



PIB per capita (R\$ mil)



Fonte: estudo encomendado pela Anbima e B3 para a Accenture

No cenário moderado de crescimento, o estudo mostra que, se a agenda de desenvolvimento for implementada, o valor de mercado das empresas listadas em bolsa sairia de 52,4% do PIB neste ano para 73% do PIB em 2022. O estoque de títulos privados cresceria de 27,6% do PIB para 31,2% do PIB no mesmo período. Em cinco anos, diz a pesquisa, o mercado de capitais brasileiro cresceria R\$ 3,7 trilhões. Em 2029, chegaria à mesma média de um grupo de países selecionados, com 130,4% do PIB em capitalização de mercado e 38,7% do produto em títulos privados.

"Trata-se de um estudo econométrico de experiências de países que adotaram uma agenda similar. A partir dele, queremos mostrar o que pode acontecer, em um ambiente de estabilidade macroeconômica, se o país desenvolver seu mercado de capitais", afirma José Eduardo Laloni, diretor da Anbima. Entre outros pontos, o trabalho também mostra que a variação de 1% no mercado teria impacto de 0,3% na renda per capita, percentual considerado relevante por Laloni. O trabalho encomendado pela associação procura sensibilizar o futuro governo para a importância dos mercados de renda fixa e variável no 2

INFORME

desenvolvimento do país. Os dados estão sendo apresentados aos assessores econômicos dos candidatos à Presidência junto com uma agenda de propostas. As sugestões giram em torno de cinco metas: fomentar o financiamento privado de longo prazo, estimular a formação de poupança, expandir o volume de emissões e aumentar a liquidez da negociação de ativos.

Para a Anbima, a expansão do mercado de capitais é crucial num momento em que o BNDES reduz a participação no financiamento a empresas e projetos de infraestrutura, ao mesmo tempo que o acesso a crédito em canais tradicionais, como os bancos, permanece caro e escasso. "O BNDES está saindo gradativamente do mercado. É uma grande oportunidade para acelerar a participação dos recursos privados", diz José Carlos Doherty, superintendente-geral da entidade.

Gilson Finkelsztain, presidente da B3, avalia que o BNDES, sozinho, não dá conta de suprir a demanda por recursos no país. "Não há dinheiro bastante para isso. O ideal é que o banco atue como um intermediário para alavancar o setor privado no mercado de capitais", afirma. Os números reforçam a percepção dos executivos. Com a melhora do cenário macroeconômico nos últimos dois anos, o mercado de capitais tem mostrado fôlego suficiente para ocupar o espaço deixado pelo banco estatal. Entre 2016 e 2017, a redução acumulada nos desembolsos do BNDES alcança R\$ 65 bilhões, saindo de R\$ 135,9 bilhões em 2015 para R\$ 70,8 bilhões no ano passado. Em relação ao pico de financiamentos pelo órgão alcançando em 2013, a retração em 2017 sobe para R\$ 119,6 bilhões.

Ao longo de 2017, porém, a captação de recursos por empresas brasileiras tanto no mercado de capitais doméstico quanto no exterior mais que compensou essa redução. No período, as corporações do país aceleraram as emissões de títulos de dívida e ações diante da retração do BNDES e das condições favoráveis tanto de custo de capital quanto de demanda. Com isso, conforme dados da Anbima, obtiveram R\$ 307 bilhões, ou seja, R\$ 122,2 bilhões a mais do que o total captado em 2016, excluindo-se os valores de emissões do Tesouro Nacional no período.

Em 2018 até julho, as emissões domésticas e externas já alcançam R\$ 172,7 bilhões, incluindo a captação internacional de US\$ 1,5 bilhão feita pelo Tesouro em fevereiro. O montante obtido no mercado doméstico registra avanço de 35,7% na comparação com os primeiros sete meses de 2017. No exterior, houve recuo de 26,3% no volume de recursos na mesma base de comparação.

(Fonte: Valor Econômico – 03/09/2018)

3

O emprego reage, mas devagar

O próximo governo encontrará, provavelmente, o pior cenário da América Latina

O Estado de S.Paulo

Com a criação de 928 mil postos de trabalho num trimestre, o desemprego voltou a cair, depois de um repique nos primeiros meses do ano, mas o próximo governo ainda encontrará um mercado de emprego em condições muito ruins. O cenário é o pior da América Latina, excluído provavelmente o do Haiti, um país com estatísticas muito desatualizadas. Com desocupação de 12,3% da força de trabalho, os brasileiros em busca de oportunidade ainda eram 12,9 milhões no período de maio a julho. Houve um avanço nada desprezível em relação ao trimestre móvel de fevereiro a abril, quando os desocupados eram 12,9% da população ativa. Mas essa melhora nem mesmo compensou derrapagens ocorridas depois de uma fase de sensível progresso nos níveis de ocupação. No ano passado, no trimestre de abril a julho, o desemprego aberto era de 12,8%. Em um ano, os postos criados ficaram em 983 mil, numa trajetória complicada pelo fraco desempenho da economia nos primeiros três meses de 2018. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A criação de empregos depende do aumento da atividade econômica e das expectativas dos empresários. Desse lado, as possibilidades de maior oferta de vagas nos próximos meses são pouco animadoras. Mas o cenário fica menos promissor quando se pensa na relação inversa entre nível de ocupação e ritmo dos negócios. O alto desemprego limita severamente a expansão do consumo. Essa limitação afeta em seguida o aumento da produção e, portanto, novas contratações pelas empresas.

Quando se pensa no consumo, um detalhe especialmente positivo se destaca entre as últimas informações sobre o mercado de trabalho. Apesar da lenta expansão dos negócios, o rendimento médio habitual dos trabalhadores ocupados tem ficado estável, descontada a inflação. O valor chegou a R\$ 2.205 no trimestre de maio a julho, pouco acima do contabilizado um ano antes (R\$ 2.188). A massa de rendimento real (R\$ 197,2 bilhões) também pouco variou, atingindo nível pouco superior ao do trimestre correspondente de 2017.

A estabilidade do rendimento médio real e da massa de rendimentos é explicável principalmente pela inflação moderada, mantida por muitos meses abaixo da meta anual

INFORME

de 4,5%. A evolução favorável dos preços dos alimentos beneficiou principalmente as famílias mais pobres, porque o seu orçamento é o mais onerado pelos gastos com comida.

Também pela preservação do poder de compra das famílias de baixa renda e de renda média a inflação contida é um fator especialmente importante para a recuperação da economia. O consumo privado tem sido um dos motores da recuperação. Apesar da lenta expansão, a maior parte dos indicadores econômicos tem continuado acima dos níveis do ano passado. Inflação baixa é também relevante para a contenção dos juros e para a segurança do planejamento empresarial.

Todas essas variáveis poderão ser afetadas nos próximos tempos pela evolução das campanhas eleitorais e pelas perspectivas de vitória de candidatos mais ou menos comprometidos com políticas voltadas para o fortalecimento da economia. Esse fortalecimento dependerá da reconstrução das finanças públicas, do controle da dívida governamental, do uso mais eficiente das verbas oficiais e da realização de reformas modernizadoras. Sinais contrários a esses objetivos indicarão desequilíbrios maiores, menor eficiência na gestão pública e aumento da inflação.

A mais cruel das consequências será a manutenção e talvez o aumento do desemprego. Mas o desemprego aberto é só uma parte de um cenário muito ruim. Adicionando-se aos desempregados o contingente dos subocupados e o da força de trabalho potencial, a subutilização total da mão de obra chegou a 24,5%, taxa correspondente a 27,6 milhões de pessoas. Além de cruel, esse quadro revela um espantoso desperdício do mais precioso fator de produção, a capacidade humana de trabalho.

Revolução digital transforma o emprego

Sistemas com uso de tecnologias como inteligência artificial põem em xeque o futuro de profissões na próxima década; segundo pesquisa, 14% dos empregos brasileiros podem desaparecer até 2030

Fernando Scheller, O Estado de S.Paulo

A empresa de cobrança Acordo Certo fecha, por mês, 30 mil renegociações de dívidas. Entre seus clientes estão Santander, Claro e Porto Seguro. Em vez de reunir uma legião de pessoas ao telefone, freneticamente ligando para clientes, o negócio fundado por Dilson de Sá se resume a 12 pessoas, alguns laptops e um monitor que indica em tempo real os resultados obtidos.

Recentemente, ao contratar a Acordo Certo, um cliente reduziu 700 postos de atendimento de telemarketing, disse Sá ao 'Estado'.

INFORME

A Acordo Certo resume a redução do emprego na era digital: com o uso da inteligência artificial, renegocia dívidas com robôs que “dialogam” com devedores – a empresa utiliza uma combinação de ferramentas desenvolvidas por Google, Microsoft e IBM. São sistemas como esses que podem pôr em xeque o futuro de diversas profissões na próxima década.

Segundo estudo da Universidade de Oxford, o telemarketing está no topo dessa lista, seguido de perto por vendedores de varejo, contadores, auditores e outros profissionais da área administrativa (ler mais na pág. B4).

No Brasil, segundo a consultoria McKinsey, 14% dos postos de trabalho atuais – ou 15,7 milhões de vagas – podem desaparecer até 2030. É um desafio e tanto, uma vez que o País já tem desemprego superior a 13%.

Entre os jovens de 18 a 24 anos, a taxa quase dobra. A McKinsey também alerta que o País está pouco preparado para as vagas que podem ser geradas pela economia digital, pela falta de preparo da força de trabalho. “As pessoas devem pensar em migrar para atividades que não possam ser facilmente automatizadas”, recomenda Fernanda Mayol, sócia da companhia.

Apesar de o telemarketing liderar a lista de risco de estudos internacionais, a Associação Brasileira de Telesserviços (ABT), que congrega as companhias do setor, não vê riscos tão sérios à atividade. Os números da própria ABT, porém, apontam para um corte de quase 80 mil vagas no setor em 2017.

O diretor executivo da entidade, Cassio Azevedo, associa os fechamentos de postos de trabalho no ano passado à retração da economia em 2015 e 2016, e não à digitalização.

Em relação à substituição dos atendentes por máquinas, ele recorre a uma análise histórica: “A substituição do homem (pela tecnologia) é uma questão desde o surgimento da máquina a vapor”.

Enquanto algumas profissões estão em xeque em todo o mundo, a tecnologia também ameaça atividades que já foram substituídas em outras nações, mas que, por razões culturais e de segurança, ainda são comuns no Brasil.

A ferramenta de portaria eletrônica da Kiper, que concentra as demandas de visitantes, correio e de caminhões de mudança em uma central, está fazendo com que um só profissional seja responsável por monitorar de 8 a 12 edifícios, e não apenas um.

INFORME

A companhia fornece o sistema para administradoras de condomínio espalhadas pelo Brasil. Uma dessas centrais, nas quais o porteiro vigia uma série de telas com imagens de câmeras de segurança, fica no bairro da Liberdade, na capital paulista.

“A ociosidade desse profissional diminui muito durante o trabalho”, diz Odirley da Rocha, sócio da Kiper.

Mas, sem um porteiro por perto, como receber encomendas e fazer mudança? Rocha diz que, para os Correios, a Kiper desenvolveu um sistema de armários inteligentes, que podem ser abertos remotamente, e geralmente são posicionados no antigo local da portaria.

Em dia de mudança, o morador poderá liberar a entrada e saída do prestador de serviço – após o período determinado, a senha de acesso vence automaticamente.

Brasil vive dilema da falta de capacitação

Dois terços das empresas sentem falta de trabalhador qualificado, mas País está na ‘lanterna’ em investimento corporativo em treinamento

Fernando Scheller, O Estado de S.Paulo

O desafio do emprego é mundial e afetará desde pequenas economias até potências globais.

Embora as nações emergentes tenham a vantagem de oferecer mão de obra mais barata – o que levará a um processo mais lento de substituição de pessoas por máquinas ou ferramentas de inteligência artificial –, nações como o Brasil perdem no quesito qualificação. E, segundo especialistas, só ações de treinamento garantirão que o País possa gerar, nos próximos anos, vagas para atividades que hoje inexistem.

Embora já seja possível perceber o fechamento de vagas em setores que concentram grande quantidade de mão de obra no País, a corrida pelo conhecimento para postos mais qualificados caminha em velocidade inferior à de outras economias, incluindo latino-americanas.

Hoje, 68% dos executivos brasileiros dizem ter dificuldade para achar pessoal qualificado para posições-chave. É um índice bem superior ao que se registra na Argentina (40%), na Costa Rica (40%) e no México (38%), aponta a McKinsey.

INFORME

“A situação do mercado de trabalho é complexa”, diz Paulo Feldmann, professor de Economia da Universidade de São Paulo que se dedica à questão da automação há mais de 30 anos. “As funções que têm um padrão claro na tomada de decisões poderão ser substituídas por um computador.”

Enquanto há quem argumente que o homem sempre tenha conseguido manter sua relevância ao longo de séculos de inovações tecnológicas, Feldmann afirma que a situação atual representa uma clara ameaça à relevância humana. “Estamos falando de uma geração muito mais sofisticada de robôs e de softwares de inteligência artificial de alta capacidade cognitiva”, diz o professor da USP.

A escassez de empregos já faz estudiosos de todo o mundo pensarem em alternativas à geração de renda tradicional. Feldmann diz que, entre as possibilidades aventadas, estão a redução da jornada de trabalho – remédio que, segundo ele, já se revelou pouco eficaz – e a criação de programas de renda mínima. “É preciso debater a questão, pois os efeitos sociais da falta de atividade são seriíssimos.”

Enquanto se queixam da falta de preparação do trabalhador, as empresas brasileiras investem pouco na própria mão de obra. Um levantamento da Accenture mostra o Brasil na “lanterna” quando o assunto é a intenção de ampliar os esforços internos de capacitação de profissionais.

A pesquisa mostra que, atualmente, 51% das companhias nacionais pretendem ampliar o valor aplicado em treinamentos. É um número inferior a mercados desenvolvidos, como EUA (72%) e Reino Unido (79%). O Brasil também perde para emergentes como a Índia, onde a intenção de ampliar os valores aplicados em recursos humanos é de 66%.

As vantagens competitivas do Brasil

Apesar da pouca disposição das empresas locais em investir nos funcionários e de dados da McKinsey apontarem a possibilidade de eliminação de até 14% dos empregos nacionais nos próximos 12 anos, a Accenture vê algumas vantagens competitivas do Brasil nessa nova era dos empregos digitais, como a força de trabalho relativamente jovem, a capacidade de enfrentar crises e de adaptação a dificuldades.

Embora admita que existe um forte desafio de base educacional no País, Matthew Govier, diretor executivo da Accenture Strategy, pondera que a presença do brasileiro em meios digitais e a tendência ao empreendedorismo podem ajudar o trabalhador local nessa “passagem” para a era da inteligência artificial. “Acredito que o processo (de substituição tecnológica) será gradual.”

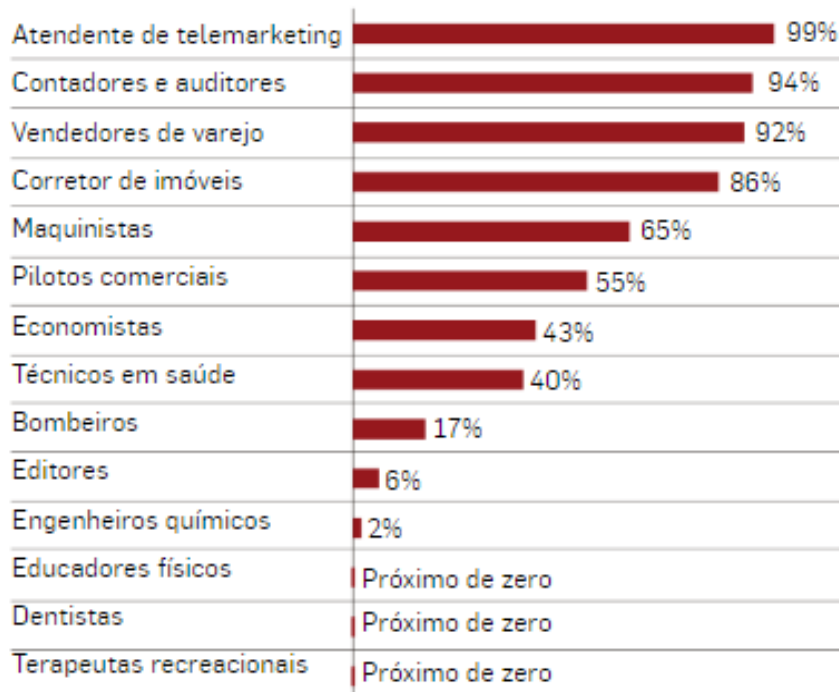
INFORME

As mudanças no emprego

Automação e inteligência artificial desafiam manutenção de certas atividades na próxima década

Futuro em perigo

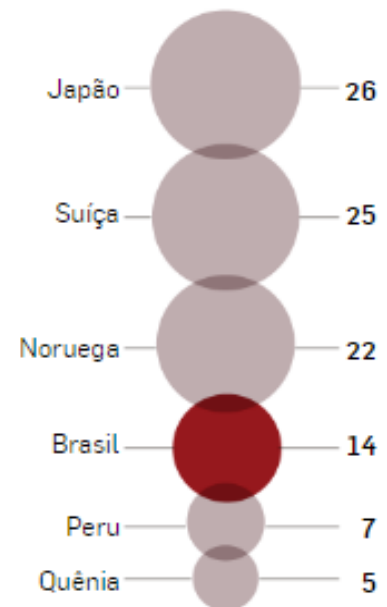
Probabilidade de profissões desaparecerem nos próximos dez anos



Taxa de substituição

Fatia dos empregos que podem ser eliminados até 2030, por país

EM PORCENTAGEM



ESTADÃO

A McKinsey também cita a presença do brasileiro na internet, especialmente em redes sociais, como possível fator positivo nessa “ponte” para a economia digital. Sócia da McKinsey, Fernanda Mayol ressalva, porém, que o tempo online precisa ser gasto em plataformas profissionalmente úteis, que permitam troca de informações e acesso a tendências de mercado. “Já se sabe que no futuro todos os profissionais terão de se reinventar três vezes na carreira.”

(Fonte: Estado de SP – 03/09/2018)